

Orações subjetivas no PB falado e escrito

Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP/CNPq)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma comparação de resultados de pesquisas sobre o mapeamento sintático, semântico e pragmático das orações encaixadas, tradicionalmente reconhecidas como *subordinadas substantivas subjetivas*, temática ainda pouco explorada na literatura funcionalista geral que trata da articulação de orações. *Subordinação* é aqui identificada com o mecanismo sintático que surge quando uma predicação é estruturada como argumento de um predicado. Predicado completável por argumentos complexos é chamado *predicado matriz*, e a oração que contém esse predicado como núcleo é a *oração matriz*. Alternativamente, a estrutura de complementação de um predicado matriz é também referida como *oração encaixada* ou *subordinada* (NOONAN, 1985; DIK, 1997).

Estruturalmente, a definição de construções encaixadas se completa por referência às posições argumentais que elas ocupam no complexo oracional, propriedade dependente da estrutura argumental do predicado matriz: em posição A1, de primeiro argumento, caso das subjetivas (*parece [que...]*), em posição A2, de segundo argumento, caso das objetivas (*X acha/crê [que...]*), ou em posição A3, de terceiro argumento, caso das objetivas indiretas (*X convence Y [de que...]*). Importante dessa definição é a identificação do ambiente sintático em que uma oração (sentença ou predicação) encaixada ocorre, sempre sustentando uma relação do tipo argumento-predicado (NOONAN, 1985), relação que expande a noção de encaixamento sintático para, ao mesmo tempo, incluir os casos de orações que ocorrem como constituinte dentro de uma estrutura de termo ou como constituinte na própria posição do predicado, caso das predicativas, e remover aqueles em que elas ocorrem fora desse tipo de relação, ou seja, os casos de orações que, num complexo oracional, expressam circunstâncias como de causa, condição, tempo, concessão etc. Em outras palavras, uma oração pode ser considerada argumento de um predicado (verbal, nominal, adjetival) se ela ocorre em posição argumental semelhante à de um termo simples, cuja funcionalidade define também o estatuto sintático das orações encaixadas a ele equivalentes (*sujeito, objeto e complemento de nome*).

É nesse paralelo que se caracteriza o comportamento sintático das orações subjetivas, a sua ocorrência na posição de primeiro argumento de um predicado de natureza verbal, nominal ou adjetival. Além desse parâmetro definido pelo estatuto

argumental do predicado matriz em que elas se encaixam, também parâmetros como ordenação e formato da encaixada contribuem para sua caracterização: a oração subjetiva ocorre em posição posposta, diferentemente da posição sintática canônica que identifica o sujeito em relação ao predicado, fato explicável pela complexidade do constituinte oracional encaixado (DIK, 1997), podendo expressar-se na forma finita ou não-finita, mais freqüentemente naquela do que nesta. Por se caracterizar ainda como uma construção impessoal, nos limites da oração matriz há uma restrição de expressão formal do sujeito enunciador, estando este sempre implícito no conteúdo do enunciado.

Quanto ao seu estatuto semântico-pragmático, orações subjetivas constituem *conteúdos proposicionais* encaixados, que, possíveis de serem localizados no espaço e no tempo, têm o seu conteúdo avaliado somente em termos de verdade, diferentemente dos casos que elas constituem *predicações encaixadas*, possíveis de serem avaliadas não em termos de sua verdade, mas de sua realidade (LYONS, 1977; DIK, 1997). Associados a essas funções semânticas, estão os valores pragmáticos de modalidade epistêmica e modalidade deôntica, respectivamente, o que significa dizer que, pragmaticamente, orações subjetivas prestam-se à veiculação de atitudes subjetivas do usuário da língua, vinculadas ao eixo do conhecimento (valor epistêmico) ou ao eixo da conduta (valor deôntico). Outros valores pragmáticos não ligados estritamente aos eixos do conhecimento e da conduta também se manifestam nesse tipo de oração, respondendo por outros tipos de avaliação subjetiva de um conteúdo proposicional encaixado.

Para a investigação dos parâmetros acima delineados, empregaram-se como corpora, amostras de fala provenientes do Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista) e amostras de fala do banco de dados lexicográficos da UNESP de Araraquara (SP). As análises explicitam resultados para os seguintes critérios de análise: *categoria do predicado matriz* (verbo, adjetivo, nome); *valor semântico-pragmático do predicado matriz* (epistêmico, deôntico, outros avaliativos), *formato da oração encaixada* (finita, não-finita) e *relação tempo-modo entre matriz e encaixada*. Com base nas freqüências apuradas, aponta-se um comportamento muito similar das orações subjetivas nas amostras de fala e de escrita, o que permite concluir, para o português hodierno, uma forte tendência de orações não-finitas se combinarem com predicados matrizes adjetivais, para expressão de modalidade deôntica e outras formas de avaliação, enquanto orações finitas se combinam mais com predicados verbais para expressão de modalidade epistêmica. A alta frequência da manifestação do tempo de

presente nos limites da oração matriz é um indicativo da função primeira que a oração subjetiva cumpre tanto na fala quanto na escrita: a de expressar um conteúdo informacional colocado sob o julgamento do usuário; assim o tempo presente indica que a avaliação feita pelo usuário sobre o conteúdo informacional da oração encaixada é sempre concomitante com o tempo da enunciação.

Referências bibliográficas

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. 2.ed. N.Y.: Mouton de Gruyter, 1997.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description: complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 43-140, 1985.